

# MERCADO MUNDIAL E LEI DO VALOR: CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA CAPITALISTA MUNDIAL A PARTIR DE MARX

WORLD MARKET AND LAW OF VALUE: CONSIDERATIONS ON THE FUNCTIONING OF THE WORLD CAPITALIST SYSTEM FROM MARX

Jônatas da Silva Abreu Aarão

Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, Brasil

jaarao@yahoo.com.br | orcid.org/0000-0002-9410-6417

## Resumo

O presente artigo sustenta que a existência de um mercado mundial relativamente desenvolvido é um pressuposto histórico para a consolidação do capitalismo e, portanto, a lei do valor opera mundialmente. Apoiando-se na *teoria marxiana do valor*, a exposição do argumento se divide em três partes. Preliminarmente, apontamos para a existência de interpretações, as quais entendem que Marx analisa em *O capital*, uma economia fechada. Argumenta-se, em contraposição, que Marx, em virtude da orientação materialista de seu método, parte do mercado mundial para revelar as determinações comuns às economias que compõem todo o sistema capitalista, ainda que abstraia do comércio exterior em sua análise. Por fim, busca-se apontar as implicações que a interpretação aqui defendida tem para a *teoria marxiana do valor*, com destaque para a análise de categorias como imperialismo e dependência, as quais decorrem da interação das distintas economias no mercado mundial.

**Palavras-chave:** Trabalho humano abstrato; valor; acumulação; apropriação; mercado mundial.

## Abstract

This article argues that the existence of a relatively developed world market is a historical presupposition for the consolidation of capitalism. Relying on the Marxian theory of value, the exposition of the argument is divided into three parts. Preliminarily, we point to the existence of interpretations which understand that Marx would analyze a closed economy in *Capital*. It is argued, in contrast, that Marx, due to the materialist orientation of his method, starts from the world market to reveal the determinations common to the economies that make up the entire capitalist system, even if he abstracts from foreign trade in his analysis. Finally, it seeks to point out the implications that this interpretation has for the Marxian

## A R T I G O

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não comercial - Compartilhar igual 4.0 Internacional.



theory of value, with emphasis on the analysis of phenomena such as imperialism and dependence that arise from the interaction of different economies in the world market.

**Keywords:** abstract human work; value; accumulation; appropriation; world market.

## MERCADO MUNDIAL Y LEY DEL VALOR: CONSIDERACIONES SOBRE EL FUNCIONAMIENTO DEL SISTEMA CAPITALISTA MUNDIAL DESDE MARX

### Resumen

Este artículo argumenta que la existencia de un mercado mundial relativamente desarrollado es un presupuesto histórico para la consolidación del capitalismo y, por tanto, la ley del valor opera a nivel mundial. Con base en la teoría marxista del valor, la exposición del argumento se divide en tres partes. Preliminarmente, señalamos la existencia de interpretaciones que entienden que Marx analizaría una economía cerrada en *El Capital*. Se argumenta, en cambio, que Marx, debido a la orientación materialista de su método, parte del mercado mundial para revelar las determinaciones comunes a las economías que componen todo el sistema capitalista, aunque hace abstracción del comercio exterior en su análisis. Finalmente, se busca señalar las implicaciones que la interpretación aquí defendida tiene para la teoría marxista del valor, con énfasis en el análisis de categorías como imperialismo y dependencia, que resultan de la interacción de distintas economías en el mercado mundial.

**Palabras clave:** Trabajo humano abstracto; valor; acumulación; apropiación; mercado mundial.

### Introdução

O período em que Marx aprofunda e escreve sua crítica à economia política é notadamente um período especial da história. Afinal, durante os anos 1850-1860, salvo curtos momentos de crise, a humanidade observou um aumento substancial da produção de riqueza material e social, e a efetivação daquilo que Hobsbawn (1979) chamou de a “era do capital”.

De fato, aqueles foram anos de intensas inovações tecnológicas, de avanço da técnica e aplicação da maquinaria no processo produtivo, de A principal representante das vicissitudes dessa etapa histórica foi a Inglaterra. Considerada à época a “oficina do mundo”, a economia inglesa representava a expressão máxima do desenvolvimento capitalista, o celeiro das teses do livre comércio e ocupava a posição de economia “mais importante no

mercado mundial”<sup>1</sup> (Marx, 2014, p. 760). Por isso, Marx a toma como a “principal ilustração” de sua análise (Marx, 2013a, p. 16).

A escolha realizada por Marx, todavia, foi objeto de leituras distintas por parte de diversos intérpretes de *O capital*, inclusive no interior da tradição marxista. Uma leitura ainda muito difundida é a que sustenta que Marx abstrai do comércio exterior e do mercado mundial para supor um sistema econômico fechado e homogêneo, desconsiderando a possibilidade de existência de desigualdades de desenvolvimento entre os distintos países (Brewer, 1990, p. 26). Interpretada dessa forma, a teoria de Marx explicaria a realidade de países nos quais o desenvolvimento capitalista se efetivou plenamente, mas nada teria a dizer sobre as formações socioeconômicas subdesenvolvidas (Palma, 1979).

Muito difundida no marxismo durante o século XX, esta interpretação vem recebendo duras e acertadas críticas de diversos autores na última década<sup>2</sup>, porquanto o presente artigo se insere nesse movimento crítico. Nas linhas a seguir, pretende-se demonstrar (i) que a investigação de Marx no livro I de *O capital* pressupõe a totalidade das relações capitalistas - que compreende o mercado mundial; e (ii) que as leis apresentadas por Marx são leis de tendência mundial, ou seja, se impõem ao conjunto do sistema capitalista ainda que se manifestem desigualmente.

O artigo se divide em três seções. Na primeira, chamamos a atenção para a existência de interpretações que atribuem a Marx a alcunha de um economista nacional, uma vez que o autor analisa em *O capital* uma economia fechada, sem interação com outras economias no mercado mundial.

### **1. *O capital*: análise do funcionamento do capitalismo em uma economia fechada?**

---

<sup>1</sup> A título de ilustração dessa expansão, cita-se a multiplicação do número de máquinas utilizadas na produção de algodão na Inglaterra, que dobraram entre 1850 e 1860, o crescimento espantoso da exportação de ferro pela Bélgica, que duplica entre 1851 e 1857 etc. (Hobsbawn, 1979, p. 46).

<sup>2</sup> Em 1870, a Inglaterra detinha 50% de toda a produção mundial de carvão e ferro, principais artigos da revolução industrial da época (Hobsbawn, 1979, p. 55).

A época em que Marx aprofundou sua crítica à economia política se caracterizou como uma época de expansão desmedida da produção de riqueza material e social. Isso em função do avanço da lógica capitalista em escala planetária posta em marcha principalmente pela Inglaterra. A “oficina do mundo” foi o palco no qual o espetáculo do capital, com todas as contradições que lhe são inerentes, apresentou-se com maior maturidade e solidez e sua principal cidade, Londres, consolidou-se como o “centro do mercado mundial” (Marx, 2014, p. 766)<sup>3</sup>.

A expansão e o sucesso da indústria inglesa durante o século XIX foram tão espetaculares que seria impossível analisar as transformações sociais da “era do capital” sem considerar o exemplo inglês. Por isso, Marx em seu prefácio à primeira edição de *O capital* anuncia:

Nesta obra, o que tenho de pesquisar é o modo de produção capitalista e as correspondentes relações de produção e de circulação. Até agora, a Inglaterra é o campo clássico dessa produção. Este é o motivo por que a tomei como *principal ilustração* da minha explanação (Marx, 2013a, p. 16, *itálicos nossos*).

Enfático, Marx não deixa dúvidas sobre qual é o seu objeto de estudo. Trata-se do modo de produção capitalista e as relações sociais que conformam sua operação. Sendo a Inglaterra “o campo clássico”, Marx a toma como “principal ilustração” de sua exposição<sup>4</sup>. Porém, o que está por trás da escolha de Marx para ilustrar sua exposição?

Algumas interpretações, inclusive no interior da tradição marxista, alegam que ao priorizar a Inglaterra em sua análise, Marx adotaria uma hipótese simplificadora, através da qual assume o capitalismo como um sistema econômico fechado e homogêneo. Em decorrência disso, as leis de funcionamento ali apresentadas operariam em uma economia nacional, a

---

<sup>3</sup> Cf. Pradella (2013), Miranda (2016) e Leite (2017).

<sup>4</sup> Na percepção de Marx (2014, p. 760), não havia momento melhor para estudar “a acumulação capitalista do que o constituído nos últimos 20 anos”, as décadas de 1850 – 60, sobretudo pelo “crescimento acelerado da riqueza” que ocorreu naquele período

<sup>5</sup> Note que Marx (2013) não afirma que a Inglaterra é a única ilustração que ele utiliza em sua obra, mas a principal. Adiante, mostraremos que Marx utilizou outros países ao longo de *O capital* como exemplo para demonstrar o desenvolvimento do capitalismo e a operação de suas leis de tendência em outras economias.

inglesa, porém não explicariam os fenômenos decorrentes da interação entre capitais, classes sociais etc. de diferentes países no âmbito do mercado mundial.

Um exemplo emblemático dessa linha de raciocínio é a análise de Rosa Luxemburgo. Ao apresentar sua leitura sobre os esquemas de reprodução simples e ampliada que comparecem no livro II de *O capital*, Luxemburgo (1976) sustenta que Marx pressuporia um sistema fechado, no qual só existiriam duas classes, capitalistas e trabalhadores. Ao fazê-lo, o teórico alemão teria minimizado a importância do comércio exterior e do consumo de camadas sociais específicas a modos de produção não capitalistas para a expansão do capitalismo e do imperialismo<sup>5</sup>.

A leitura de Harvey (2005), ainda que com nuances, caminha para a mesma direção daquela oferecida por Luxemburgo. Na visão do geógrafo britânico, ao abstrair do comércio exterior em sua análise, Marx indicaria que as relações no âmbito do mercado mundial não seriam importantes para explicar as tendências inerentes ao capitalismo. As leis de funcionamento do sistema capitalista poderiam ser explicitadas a partir de uma economia fechada, nacional, “pura”. Daí a escolha pela Inglaterra como ilustração de sua análise<sup>6</sup>.

Aparecem como desdobramento limítrofe desse tipo de leitura da obra de Marx algumas interpretações que entendem a análise do teórico alemão como uma análise que se resume ao problema do desenvolvimento do capitalismo exclusivamente nas “nações industriais”. Isto é, sua teoria seria incapaz de oferecer aportes para explicar fenômenos como dependência, subdesenvolvimento etc. (Palma, 1979).

Convém destacar que de fato Marx, ao longo de sua exposição em *O capital*, indica que sua análise não se concentra nas relações sociais que se desenvolvem especificamente na esfera do mercado mundial, como se observa em nota de rodapé a qual o autor adicionou ao capítulo 22 do livro I de *O capital* em sua segunda edição:

---

<sup>6</sup> Aliás, as análises oferecidas pela teoria clássica do imperialismo entendem, em regra, que Marx parte da suposição de uma economia fechada para investigar as legalidades do capitalismo (Pradella, 2013). Não cabe aqui o aprofundamento sobre a crítica de Rosa Luxemburgo a Marx, tampouco um exame sobre as teses da teoria clássica do imperialismo. Para uma análise dessas teses, Cf. Corrêa (2012).

Omitimos aqui o comércio exterior, por meio do qual uma nação pode transformar artigos de luxo em meios de produção ou meios de subsistência e vice-versa. Para desembaraçar nossa análise de circunstâncias acessórias perturbadoras, consideramos todo o mundo comercial como se pertencesse a uma única nação, e pressupomos que a produção capitalista se estabeleceu por toda a parte e apoderou-se de todos os ramos industriais (Marx, 2014, p. 687).

No trecho acima, o autor anuncia que abstrai do comércio exterior em sua análise para livrar-se de “circunstâncias acessórias perturbadoras” e considera o “mundo comercial como se pertencesse a uma única nação” para, assim, encontrar as determinações essenciais do modo de produção capitalista. Esse trecho é tomado por parte dos intérpretes da obra de Marx como uma prova inequívoca de que o autor examina o funcionamento do capitalismo apenas na Inglaterra, desconsiderando fenômenos que se manifestam no mercado mundial. Decorre daí a tese que sustenta que as contribuições legadas por Marx se restringem à análise das economias nas quais o capitalismo se desenvolveu plenamente, a exemplo da Inglaterra<sup>7</sup>.

Ademais, as contribuições costumam reforçar essa tese das mudanças de rota que ocorrem no processo de produção intelectual de Marx, no período entre 1858 e 1866. Isso porque enquanto o autor, em 1858, demonstra a intenção de dedicar uma parte de sua obra ao estudo do papel do Estado, do comércio exterior e do mercado mundial para a consolidação do sistema capitalista; em 1866, anuncia um novo plano de publicação no qual não menciona os temas que incluía no plano original<sup>8</sup>. Como o plano divulgado em 1866 veio a tornar-se o plano definitivo, Rolsdosky (2001, p. 27) sustenta que Marx abandonara a ideia de analisar em *O capital* o papel do Estado, do

---

<sup>7</sup> Cabe frisar que Harvey (2005) não nega a relevância histórica que o comércio exterior, o mercado mundial, e a colonização têm para Marx. Entretanto, para o geógrafo britânico essas categorias não estão pressupostas no construto teórico de Marx. Ademais, outros nomes importantes dentro da tradição marxista contemporânea, tais como Ellen Wood (2006) e Alex Callinicos (2007), assim como Harvey, entendem que Marx desenvolveu uma análise interna das contradições do modo de produção capitalista (Pradella, 2013). Adiante, oferecemos uma visão alternativa àquelas sobre a operação da lei do valor em escala mundial.

<sup>8</sup> Em contraste, sustentaremos na sequência que nesse trecho Marx, embora realmente esteja anunciando que abstrai do comércio exterior, anuncia que o mercado mundial está pressuposto no argumento.

comércio exterior e do mercado mundial, deixando esses temas para uma possível continuação da obra.

A modificação efetuada por Marx, argumenta corretamente Rosdolsky (2001), decorre da intensa busca, entre os anos 1850-60, pela melhor forma de expor sua crítica à economia política. Entretanto, as mudanças de rota que decorrem dessa busca se vinculam menos a uma ruptura epistemológica, e mais ao aperfeiçoamento do método de investigação e exposição<sup>9</sup>. Por esse motivo, procura-se sustentar na sequência que a orientação metodológica de Marx o compele a tomar o capitalismo em sua totalidade, a qual compreende o mercado mundial e, por isso, as leis por ele reveladas são leis que operam mundialmente.

## **2. A orientação materialista do método de Marx e a totalidade como pressuposto teórico de sua análise.**

Nota-se que no plano metodológico Marx protesta desde os anos 1840 contra a absolutização do método filosófico e seu protesto se funda em uma concepção materialista da história. Para essa concepção, os seres humanos têm de estar vivos para fazer história e isso implica que antes de qualquer atividade do pensamento, de fazer arte, política etc., é necessário alimentar-se, ter abrigo, estar vestido. A atividade primeira do ser humano é a de produzir suas condições materiais de existência (Marx e Engels, 2007, p. 34). Em decorrência dessa concepção, tanto o método quanto a teoria do conhecimento em Marx são implicados pelo ser social, e não o contrário (Lukács, 2018).

Em outros termos, para interpretar adequadamente a realidade é indispensável reconhecer que as estruturas sociais que a constituem, embora tenham surgido da articulação de ações humanas, existem em relativa autonomia da vontade e do agir dos seres humanos. Parece paradoxal, mas o fato é que quando um indivíduo executa uma ação, essa se encontra e se conecta com outras ações que foram originalmente postas em prática por

indivíduos diversos e, conseqüentemente, com distintas intenções. Ao se articularem, essas ações produzem um resultado que não necessariamente corresponde às intenções originais. Pelo contrário, é perfeitamente possível que esse resultado fuja das intenções originais dos indivíduos<sup>10</sup>. Sendo a realidade, em regra, o resultado não intencional da articulação das ações humanas, a investigação não pode partir de uma idealização daquela. Deve necessariamente partir dos momentos empíricos decisivos para a conformação da realidade, utilizando o método como o caminho para conhecer essa realidade a fundo (Bonente e Medeiros, 2019).

Doravante, é possível argumentar que para Marx a realidade não é, em si, algo simples. Ao contrário, é um “complexo de complexos” (Lukács, 2018), sobretudo, porque se conforma a partir da imbricação de relações sociais complexas entre seres humanos singulares, entre esses seres humanos e as condições sociais estruturantes e entre essas próprias condições estruturantes<sup>11</sup>. O papel de uma teoria que pretende explicar a realidade é o de captar o seu caráter de totalidade complexa e, partindo desta totalidade, reconstituí-la teoricamente, a fim de revelar os nexos causais, as legalidades que regulam seu funcionamento.

Por isso, partir da realidade para interpretá-la não é uma escolha metodológica; é, para Marx, uma obrigação ontológica (Carcanholo, 2017). A forma pela qual a sociedade se constitui torna imperativo a adoção de um método que apreende o mundo material em sua totalidade a fim de interpretá-lo (Marx, 2013, p. 28). Logo, asseverar que Marx adota pressupostos ideais para resolver problemas teóricos é um equívoco.

---

<sup>9</sup> Em fevereiro e abril de 1858, em cartas a Lassalle e a Engels, Marx relata a intenção de escrever sua crítica à economia política dividindo-a em seis livros, dentre os quais o livro V e o livro VI em que discutiria as questões do comércio exterior e do mercado mundial, respectivamente (Marx & Engels, 2020, p. 125-126). Entretanto, em carta a Kugelman, de 13 de outubro de 1866, meses antes da publicação do livro I de *O capital*, Marx aponta para um novo plano, o qual conteria quatro livros: O primeiro, sobre o processo de produção do capital; o segundo, sobre o processo de circulação do capital; o terceiro, sobre as formas do processo de conjunto; e o quarto, uma contribuição à história da teoria (ibidem., p. 192). Este último veio a ser o plano definitivo de *O capital*.

<sup>10</sup> Para uma análise alternativa à Rosdolsky (2001), Cf. Gomes de Deus (2015).

<sup>11</sup> A exceção são aquelas circunstâncias especiais em que a ação coletiva pode dar ensejo a transformações sociais anteriormente planejadas, como no caso das revoluções.

Agora, para entender de onde Marx parte para realizar sua investigação em *O capital* é fundamental voltar-se para a história. Afinal, como o mundo material se apresentava na segunda metade do século XIX? O que distinguia a “era do capital” de outros momentos históricos e, por isso, capturou a atenção de tantos intelectuais do período, inclusive a de Marx?

A realidade daquele período se apresentou como a realidade do capital em expansão, da consolidação do capitalismo mundialmente. Como destaca Hobsbawm (1979), entre 1850 e 1870 o comércio mundial cresceu 260% e o investimento externo realizado por países como a Inglaterra e a França entre 1850 e 1880 ampliou aos saltos. Além disso, a descoberta de minas de ouro na Califórnia e na Austrália expandiu sobremaneira a quantidade de “meios de pagamento disponíveis para a economia mundial”, sobretudo na Inglaterra, França e Estados Unidos. (Hobsbawm, 1979, p. 49). A isso se acompanha o surgimento de inovações nos ramos de transportes e de comunicações, como a estrada de ferro e o telégrafo, que propiciaram as condições para que entre os anos 1850-70 o capitalismo multiplicasse seu domínio, inclusive geográfico.

Como se pode notar, a expansão do capitalismo para além da Inglaterra e da Europa, principalmente nos Estados Unidos, era, no século XIX, uma realidade; e não há dúvidas de que Marx estava atento a essa expansão, como demonstram seus artigos para o *New York Daily Tribune*, durante os anos 1850, nos quais o autor aborda a temática do sistema colonial e do mercado mundial (Pradella, 2013), além dos escritos sobre modos de produção pré-capitalistas e sociedades não ocidentais, os quais Anderson (2016) analisa em sua obra *Marx nas Margens*. Por tudo isso, é possível afirmar que o mercado mundial não era um tema periférico para Marx.

Considerando (i) que a constituição de um sistema capitalista mundial era uma realidade concreta; (ii) que a orientação metodológica de Marx impõe que a investigação tome de início essa mesma realidade concreta; e (iii) que as temáticas do mercado mundial e do sistema colonial estiveram no cerne das investigações de Marx nos anos 1850 e em outros momentos de sua

produção intelectual, parece plausível sustentar que Marx não poderia prescindir do mercado mundial em sua investigação.

Contudo, se o mercado mundial se configura como um momento empírico decisivo para que Marx realize a anatomia do capital, por que o autor afirma no capítulo 22 do livro I de *O capital* que omite o comércio exterior ao longo de sua exposição? Por que se esforça por demonstrar a solidez de sua interpretação sobre o capitalismo se concentrando no exemplo da Inglaterra?

2.1. Inglaterra: objeto de estudo ou ilustração da exposição de Marx sobre as leis que regulam o funcionamento do capitalismo mundial?

Por ser dotada de múltiplas determinações, a realidade que Marx enfrenta em sua investigação, o modo de produção capitalista, apresenta-se de maneira caótica (Marx, 2011)<sup>12</sup>. Em outros termos, momentos empíricos decisivos para a conformação do sistema capitalista, como o comércio entre distintas economias e modos de produção<sup>13</sup>, podem ocultar as determinações mais gerais do objeto, sobretudo por se tratar de relações comerciais entre economias com graus de desenvolvimento distintos, desiguais. Para captar as determinações essenciais que regulam a dinâmica da sociedade capitalista, Marx realiza um procedimento abstrativo, que consiste em isolar o objeto das “circunstâncias perturbadoras” que poderiam transformar sua análise em uma “maquinação de minuciosidades”<sup>14</sup>.

O recurso ao procedimento abstrativo na investigação de Marx é crucial, pois embora a expansão do capitalismo fosse pujante nos anos 1850-60, ainda coexistiam com ele diversas formações sociais pré-capitalistas, o regime de trabalho predominante em diversas regiões ainda era a

---

<sup>12</sup> Um exemplo é o valor de troca, que ao se manifestar sob a forma do preço aparenta possuir um movimento caótico, como aponta Marx (2013a, p. 58) logo na primeira seção do capítulo I livro I de *O capital*.

<sup>13</sup> Um exemplo é o valor de troca, que ao se manifestar sob a forma do preço aparenta possuir um movimento caótico, como aponta Marx (2013a, p. 58) logo na primeira seção do capítulo I livro I de *O capital*.

<sup>14</sup> Mas não somente essas categorias. Marx também abstrai no livro I de outras categorias mais concretas como lucro, juros, renda da terra, ação da oferta e da demanda, desvios de preço em relação ao valor etc.

escravidão/servidão<sup>15</sup> e, ademais, mesmo em economias nas quais as leis de operação do capitalismo já eram predominantes, como na Alemanha e na França, a efetivação dessas leis ocorria de maneira desigual àquela observada na Inglaterra<sup>16</sup>.

Se o objetivo da investigação de Marx é compreender as leis gerais de movimento do capitalismo, isto é, quais são os atributos comuns a todas as formações sociais que se inserem na lógica do capital, então é natural que o autor abstraia das singularidades e particularidades que se originam das relações comerciais que se efetivam no mercado mundial, em cada época histórica ou em cada região, e tome o caso mais emblemático de desenvolvimento do capitalismo à época, a Inglaterra, como ilustração de sua análise sobre o sistema capitalista.

Isso é o que Marx aponta em seu prefácio à primeira edição do livro I de *O capital*:

Intrinsecamente, a questão que se debate aqui não é o maior ou menor grau de desenvolvimento dos antagonismos sociais oriundos das leis naturais da produção capitalista, *mas estas leis naturais, estas tendências que operam e se impõem com férrea necessidade*. O país mais desenvolvido não faz mais do que representar a imagem futura do país menos desenvolvido (Marx, 2013a, p. 16, itálicos nossos).

A ação do capital, a produção voltada não para a satisfação dos carecimentos sociais, mas para a geração ininterrupta de mais-valor, já era hegemônica na economia inglesa. Ali as leis de tendência do capitalismo se exibiam de modo mais desenvolvido, uma vez que as barreiras geralmente

---

<sup>15</sup> “[...] na análise das formas econômicas, não se pode utilizar nem microscópios, nem reagentes químicos. A capacidade de abstração substitui esses meios” (Marx, 2013a, p. 16). Adverte-se que determinações essenciais, abstratas, não são determinações que se originam no pensamento, categorias ideais que auxiliam na compreensão da realidade. As categorias em Marx (2011) são “determinações da existência”, isto é, tão reais quanto os fenômenos que aparecem ao olhar sensível. Com efeito, as determinações mais abstratas devem necessariamente passar pelo crivo da história, explicá-la.

<sup>16</sup> Ao criticar a figura do “economista burguês” e sua concepção a-histórica do capitalismo, Marx (2014, p. 672) argumenta que o trabalho assalariado, no século XIX, ainda não era mundialmente predominante, apoiando seu argumento em passagem de Richard Jones, na qual esse afirma que menos de um quarto dos trabalhadores de todo o planeta se enquadravam no regime de trabalho assalariado.

impostas pela existência de formas de produção pré-capitalistas ao capital já haviam sido superadas. Em síntese, a Inglaterra, no século XIX, representava “a imagem futura do país menos desenvolvido” (Ibidem., p. 16) e, por isso, serve como ilustração geral para a exposição de Marx sobre o sistema capitalista mundial em *O capital*.

Não obstante, é necessário salientar que tomar a Inglaterra como representação futura dos países menos desenvolvidos não implica que o teórico alemão conceba desenvolvimento como um processo linear, evolutivo. Desenvolvimento em Marx não é sinônimo de progresso, um permanente avançar de um estágio inferior para outro superior, ou, como afirma equivocadamente dos Santos (2016), a incorporação de todas as regiões do mundo ao processo civilizatório que o avanço das forças produtivas do capital enseja. Para Marx, o sistema capitalista se desenvolve à medida que as relações contraditórias entre as propriedades que o constituem se resolvem por intermédio da emergência de novas propriedades, dando ensejo a novas relações. Desenvolvimento, assim, é a expressão de sínteses resolutivas que, ao se constituírem, transformam o objeto em uma nova totalidade complexa e contraditória (Bonente, 2016).

Em termos mais concretos, não há uma antessala pela qual todas as economias trafegam antes de adentrarem ao salão principal do desenvolvimento capitalista. Não há um estágio de subdesenvolvimento que antecede o estágio do desenvolvimento. Na realidade, as leis de tendência do capitalismo podem assumir formas diversas de manifestação em cada formação social, em virtude da articulação de determinações complexas que ativam relações contraditórias e desiguais<sup>17</sup>.

Sobretudo por conceber as coisas dessa forma que Marx destina uma seção inteira no cap. 23 do livro I de *O capital* para discutir a situação da Irlanda, nação que à época encontrava-se sob o jugo econômico inglês, e que,

---

<sup>17</sup> “Além dos males modernos, oprime a nós alemães uma série de males herdados, originários de modos de produção arcaicos, caducos, com seu séquito de relações políticas e sociais contrárias ao espírito do tempo. Somos atormentados pelos vivos e, também, pelos mortos” (Marx, 2013a, p. 17).

para todos os efeitos, pode ser considerada como um exemplo de *campo não clássico* de operação das leis de movimento do capitalismo (Marx, 2014, p. 820).<sup>18</sup> Ao impor sua lógica, o capital não encontra um espaço livre de condições sociais estruturantes próprias ou povos sem história. Na prática, o capitalismo é herdeiro de formações histórico-sociais diversas, com singularidades e particularidades próprias. Por isso, ao se articularem com estruturas sociais distintas daquelas encontradas no “caso clássico”, as leis de movimento do modo de produção capitalista podem manifestar-se de maneira diversa em cada país e época histórica.

Não obstante, como o próprio Marx anuncia em seu prefácio, não é “o maior ou menor grau de desenvolvimento dos antagonismos sociais oriundo das leis naturais da produção capitalista”, o seu objeto de estudo (Marx, 2013a, p. 16). O objeto de Marx é o sistema capitalista em seu conjunto e seu objetivo é investigar e compreender as “leis naturais” que determinam seu movimento, independentemente das singularidades que se manifestam em cada espaço dominado pelo capital. Trata-se de revelar o que é comum a todos em meio às diferenças que existem entre todos.

Por esse motivo, o autor considera em sua investigação o “mundo comercial como se pertencesse a uma grande nação” e supõe que a “produção capitalista já se espalhou por toda a parte” (Marx, 2014, p. 627). Trata-se de pressupor que o capitalismo já é dominante em todos os espaços geográficos, que a ação do capital suprimiu as barreiras para sua implementação e que suas leis de operação já se consolidaram em todo o mundo. Em suma, trata-se de pressupor um sistema capitalista mundial complexo, abstraindo das desigualdades de desenvolvimento que existem em cada parte integrante desse sistema para elucidar as leis gerais que regulam o seu funcionamento.

Em síntese, Marx toma a realidade capitalista em sua totalidade, que compreende o mercado mundial, para reconstitui-la teoricamente, posto que

---

<sup>18</sup> Um dos efeitos do desenvolvimento do capitalismo na Inglaterra foi a transformação da Irlanda no século XIX em um distrito agrícola daquela, o qual fornecia cereais, lã, gado, trabalhadores e soldados; e um dos resultados desta transformação foi o despovoamento sistemático da Irlanda, com a emigração dos irlandeses para a Inglaterra e para os Estados Unidos à procura de melhores condições de trabalho e salário (Marx, 2014, p. 820).

seu objetivo é desvendar os nexos causais do modo de produção capitalista. A anatomia do capital realizada por Marx, a qual o “caso clássico” inglês ilustra, tem como objetivo iluminar as leis e tendências que se impõem e operam em todos os espaços com a consolidação do capitalismo em escala mundial. Nesse sentido, a lei do valor opera em todos os espaços dominados pelo capital e impõe sua lógica própria, ainda que essa operação se manifeste de formas diversas, desiguais.

### **3. Acerca da desigualdade existente no sistema capitalista mundial**

Se a orientação materialista do método de Marx impõe que o ponto de partida da investigação deve ser necessariamente a realidade em sua totalidade, então o autor não incorre, e nem poderia incorrer, na adoção *a priori* de hipóteses simplificadoras, de axiomas ideais para investigar o capitalismo. Ao contrário, Marx parte da realidade em suas múltiplas determinações, compreendido aí mercado mundial, para, através de procedimentos abstrativos críticos que excluem da análise algumas “circunstâncias acessórias perturbadoras”, revelar as determinações essenciais do capitalismo.

Portanto, o objeto de investigação de Marx é o sistema capitalista em sua totalidade, isto é, mundial, sendo a Inglaterra a principal ilustração utilizada por Marx para expor seu argumento. É importante insistir que Marx reconhece a existência de desigualdades de desenvolvimento entre as distintas economias que compõem o sistema capitalista desde o prefácio de sua obra, *O capital*. Nela, entretanto, o objetivo de Marx é apresentar as determinações comuns que fazem do sistema capitalista uma unidade, ainda que contraditória. Por esse motivo, o autor abstrai das diferenças de desenvolvimento entre as economias que conformam o sistema capitalista.

Sucedem-se que se o método impõe à investigação partir da totalidade para reconstituí-la teoricamente, então é possível inferir que as leis de tendência que se revelam nesse processo de reconstituição são leis que operam, ainda que com mediações, em todos os espaços que conformam o sistema

capitalista e, portanto, no mercado mundial. Reforça essa inferência o fato de Marx demonstrar já na primeira seção do livro I de *O capital* que o trabalho humano abstrato, a substância do valor, da riqueza social e, por conseguinte, elemento que medeia as relações sociais tipicamente capitalistas, encontra a forma adequada de expressar-se na figura do dinheiro mundial (Marx, 2013).

Em síntese, apenas com a consolidação de um mercado mundial predominantemente capitalista, e quando o trabalho assalariado já se configura como forma predominante de trabalho - em função do desenvolvimento das forças produtivas e do surgimento de uma quantidade infinita de trabalhos úteis que aquela engendra - é que o trabalho humano abstrato pode tornar-se efetivamente a substância do valor (Marx, 1980). Se o valor adquire consistência social na esfera do mercado mundial, e considerando que Marx analisa essa categoria já na primeira seção do livro I de *O capital*, então é possível inferir que o mercado mundial está pressuposto no argumento do autor desde o início<sup>19</sup>.

As implicações que a interpretação exposta nas linhas anteriores tem para a *teoria marxiana do valor*, especificamente para a tradição marxista que estuda fenômenos como desenvolvimento vs subdesenvolvimento, centro vs periferia, imperialismo vs dependência etc. são inúmeras. Isso porque o mercado mundial deixa de figurar meramente como um resultado do avanço das forças produtivas que a sanha pela apropriação, por parte do capital, de *quantum* crescente de mais-valor enseja. Na realidade, o mercado mundial é também condição indispensável para a consolidação das leis de movimento do capitalismo. Além de posto, está pressuposto.

Portanto, a conformação de um sistema mundial capitalista, com todas as nuances e contradições que se originam nele, deve ser investigada desde o prisma das leis de movimento inerentes a esse modo de produção. Em função dos limites deste trabalho não será possível aprofundar essa questão. No

---

<sup>19</sup> Essa é a conclusão à qual chegam outros autores contemporâneos, como Leite (2017) e Pradella (2015).

entanto, entendemos ser importante fazer algumas considerações finais para fomentar uma agenda de pesquisa futura.

### **Considerações finais**

Decerto, a consolidação do modo de produção capitalista mundialmente não ocorre de modo uniforme. Afinal, o capital, ao penetrar em cada economia conquistada, recebe de herança os resquícios das formações socioeconômicas que o precederam e com eles passa a conviver. Ademais, em função da lógica de apropriação ininterrupta de mais-valor, a qual é inerente ao seu conteúdo, o capital se vê compelido a sugar continuamente porções maiores de trabalho excedente que são produzidas mundialmente. Em um ambiente em que a competição internacional se impõe, quanto mais complexo for o desenvolvimento das forças produtivas, e maior o *quantum* de capital social em operação em determinada economia, melhores serão as condições para que essa se aproprie de parte maior de riqueza social do que uma economia cujo capital social em operação é menor.

É possível pensar, então, em um sistema mundial capitalista que se conforma a partir da unidade dialética entre: (i) economias imperialistas, nas quais o desenvolvimento das forças produtivas engendra maior quantidade de capital social em operação e, por isso, apropriam-se de porções crescentes da riqueza social produzida mundialmente. Essas economias lutam para manter sua posição no mercado mundial intacta; e (ii) economias dependentes, as quais em função do menor desenvolvimento das forças produtivas e, portanto, da menor quantidade de capital social em operação se apropriam de frações menores da riqueza social produzida mundialmente. Nesse sistema, as leis de tendência que regulam o funcionamento da sociabilidade capitalista se impõem com “férrea necessidade” (Marx, 2013), ainda que sua forma de manifestação seja desigual.

Conclui-se, então, que se o imperialismo e a dependência são resultados da consolidação e operação das leis de tendência do modo de produção capitalista mundialmente a investigação dessas duas categorias,

bem como de suas formas de manifestação, deve ocorrer nos marcos dessas leis de tendência. Na perspectiva aqui apresentada, a lei do valor comparece como a chave para compreender as relações de produção e apropriação de valor em nível mundial, as quais continuam a reproduzir a lógica perversa do capital: de um lado, alguns poucos capitalistas que concentram a maior parte da riqueza produzida mundialmente; de outro, o resto da população mundial, disputando palmo a palmo as migalhas que sobraram do banquete que alimentou o capital.

## Referências

ANDERSON, Kevin. **Marx nas margens: nacionalismo, etnias e sociedades não ocidentais**. Tradução de Allan M. Hillani e Pedro Davoglio. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

BONENTE, Bianca. **Desenvolvimento em Marx e na teoria econômica: por uma crítica negativa do desenvolvimento capitalista**. Niterói: Eduff, 2016.

BONENTE, Bianca.; MEDEIROS, João Leonardo. Considerações sobre o método de Marx a partir da Ontologia de Lukács. **Anais do XXIV Encontro Nacional de Economia Política**. Anais...Vitória, 2019.

BREWER, Anthony. *Marxist theories of imperialism: A critical survey*. Londres: Rotledge, 1990.

CALLINICOS, Alex. *Does capitalism need the state system?* **Cambridge Review of International Affairs**, Cambridge, vol. 20, n. 4, pp. 533-549, 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09557570701680464>. Acesso em: 02/08/2022.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. *Dependencia, superexplotación del trabajo y crisis: una interpretación desde Marx*. Madrid: Maia Ediciones, 2017.

CORRÊA, Hugo. **Teorias do Imperialismo no Século XXI: (in)adequações do debate no marxismo**. 2012. 247 f. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

GOMES DE DEUS, Leonardo. Marx em tempos de MEGA: os planos e o plano de O Capital. **Revista estudos econômicos**, São Paulo, v.45, n. 4, p. 927-954, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ee/a/z4mpQHFcvSMTNHyV9qwPkBk/?lang=pt#:~:te>

xt=Marx%20diz%3A%20%E2%80%9CEnquanto%20aquilo%20que,II%2F3.4%2C%201463). Último acesso em: 02/08/2022.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume (Coleção Geografia e Adjacências), 2005.

HOBBSAWN, Erick. **A era do capital: 1848 – 1875**. Disponível em: <https://joaofabioberthonha.files.wordpress.com/2017/03/hobsbawm-eric-j-a-era-do-capital.pdf>. (1979). Acesso em: 02/08/2022.

LEITE, Leonardo. **O capital no mundo e o mundo do capital: uma reinterpretação do imperialismo a partir da teoria do valor de Marx**. 2017. 352f. Teste (Doutorado em Economia) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Economia, Niterói, 2017.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mário Duayer e Nélío Schneider. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital: estudo sobre a interpretação econômica do imperialismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MARX, Karl. **Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico**. São Paulo: DIFEL, 1980. (3 v.)

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858, esboços da crítica da economia política**. Tradução de Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2013a.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política. Livro I, vol. I**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013b.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política. Livro I, vol. II**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner,**

e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cartas sobre O capital**. Tradução de Leila Escorsim. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

MIRANDA, Flávio. **Mercado mundial e desenvolvimento desigual: uma contribuição teórica a partir de Marx**. 2016. 210 f. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

PALMA, Gabriel. *Dependency: a formal theory of underdevelopment or a methodology for the analysis of concrete situations of underdevelopment*. **World development**, v. 6, pp. 881 – 894, 1978. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0305750X78900517>. Último acesso em: 02/08/2022.

PRADELLA, Lucia. *Imperialism and capitalist development in Marx's Capital*. **Historical Materialism**, Londres, v. 2, n. 21, p. 117-147, 2013. Disponível em: [https://brill.com/view/journals/hima/21/2/article-p117\\_5.xml?language=en](https://brill.com/view/journals/hima/21/2/article-p117_5.xml?language=en). Último acesso em: 02/08/2022.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx**. Tradução de Cesar Benjamin. Rio de Janeiro: EDUERJ; 2001.

SANTOS, Theotônio dos. **Desenvolvimento e civilização: homenagem a Celso Furtado**. Rio de Janeiro: EDUERJ; 2016.

WOOD, Ellen. *Logics of power: A conversation with David Harvey*. **Historical Materialism**, Londres, vol. 14, n. 4, pp. 9-34, 2006. Disponível em: [https://brill.com/view/journals/hima/14/4/article-p9\\_2.xml?language=en](https://brill.com/view/journals/hima/14/4/article-p9_2.xml?language=en). Último acesso em: 02/08/2022.